

CAPÍTULO 5

A moralidade em Carol Gilligan: teoria e revisões

Matheus Estevão Ferreira da Silva

Leonardo Lemos de Souza

5.1 Introdução

Em 2022, o livro *In a different voice: psychological theory and women's development*, da psicóloga estadunidense Carol Gilligan, completou seu quadragésimo aniversário. Considerado um dos livros mais influentes da segunda metade do século XX, *In a different voice* reverberou em diversos campos do conhecimento, desde psicologia, filosofia, direito, educação, enfermagem etc. (Sharpe, 1992; Govrin, 2014). Porém, foi na psicologia do desenvolvimento moral, ramificação da psicologia em que Gilligan originalmente se apoiava, e pela qual suas ideias foram geradas, que seu livro foi aclamado como um dos grandes marcos teóricos para o estudo da moralidade. Naquela época, esse campo ainda era dominado pela teoria do psicólogo estadunidense Lawrence Kohlberg (1927–1987) sobre o desenvolvimento do raciocínio moral.

Retomando o trabalho do epistemólogo suíço Jean Piaget (1896–1980) em torno do desenvolvimento moral, que inaugura a chamada *abordagem cognitivo-evolutiva* debruçando-se sobre o estudo psicológico da moralidade (Piaget, 1932/1994),

Kohlberg (1992), o livro *O juízo moral da criança* foi tanto responsável pela consolidação dessa abordagem como pela consolidação da própria psicologia do desenvolvimento moral.

Kohlberg (1958) extraiu sua teoria da pesquisa de doutoramento que defendeu na Universidade de Chicago em 1958. Nessa pesquisa, depois de acompanhar longitudinalmente oitenta e quatro meninos brancos de classe média moradores de Chicago com idade entre 10 a 16 anos, expandindo o trabalho de Piaget (1932/1994) sobre o raciocínio moral em crianças para a adolescência e idade adulta, Kohlberg (1992) prescreveu um modelo de desenvolvimento moral composto por três níveis – *pré-convencional* (moral autocêntrica), *convencional* (moral sociocêntrica) e *pós-convencional* (moral baseada em princípios éticos universalizáveis) – e seis estágios, sendo dois estágios respectivos a cada nível. Esses estágios correspondem a diferentes tipos de raciocínios morais de justiça, distribuídos hierarquicamente no modelo que propõe de acordo com sua qualidade moral. Assim, Kohlberg se baseia no paradigma filosófico do prussiano Immanuel Kant (1724-1804), fundamentação teórica também de Piaget, o qual argumenta que o mais alto nível de decisão moral é aquele tomado exclusivamente pela *razão*, em oposição às inclinações ou vontades pessoais, e na teoria do filósofo estadunidense John Rawls (1921-2002), cuja sustentação do desenvolvimento moral ocorre em direção a um ideal de *justiça*.

Colaboradora de Kohlberg, nos estudos que ele desenvolveu durante a década de 1970 para validação da teoria (Kohlberg & Gilligan, 1971; Gilligan & Kohlberg, 1978), inclusive em diferentes culturas buscando sua universalidade, Gilligan (1977, 1982) desenvolveu suas próprias pesquisas e, a partir delas, trouxe a crítica de gênero à teoria de Kohlberg e a outras das principais teorias psicológicas do desenvolvimento de sua época, tanto em um nível empírico como epistemológico. Gilligan as acusou de conservarem um viés masculinizante em suas interpretações sobre o desenvolvimento humano.

Baseada em dados extraídos empiricamente somente da experiência masculina, a teoria de Kohlberg, quando aplicada às mulheres, demonstrava que elas tinham um desempenho deficitário em relação aos homens, com raciocínios morais oriundos de níveis e estágios inferiores. Para Gilligan (1977, 1982), essas diferenças se dariam porque elas partiriam de um outro modelo de desenvolvimento do raciocínio moral, que chamou de *ética do cuidado*, subjugada na teoria de Kohlberg, que estaria exclusivamente voltada para uma *ética da justiça*.

Desde o trabalho relatado em *In a different voice*, Gilligan é reconhecida na psicologia do desenvolvimento moral pelo seu pioneirismo em uma série de questões, das quais se pode citar: ela considerou a complexidade envolvida no desenvolvimento moral, como o papel da afetividade (Arantes, 2000); ela estabeleceu uma relação entre

o Eu (Self) e o desenvolvimento moral, distinguindo um *Eu separado e autônomo*, relacionado à ética da justiça, de um *Eu interconectado e interdependente*, relacionado à ética do cuidado (Govrin, 2014); serviu de referência para as chamadas *teorias pós-kohlberguianas*, que surgiram com proposições próprias visando a sanar as limitações da teoria de Kohlberg (Silva & Martins, 2022); incluiu outras virtudes, para além da justiça, como centrais ao desenvolvimento moral, especificamente a virtude do cuidado (La Taille, 2006); dentre outras contribuições suas que foram reconhecidas.

Apesar disso, de *a psicologia moral já ter considerado a ética do cuidado como uma teoria promissora*, chama-nos a atenção o fato, que é compartilhado por Govrin (2014, p. 1, tradução nossa), de que “há evidências que sugerem que hoje em dia a psicologia moral ignora completamente os vários insights da ética do cuidado”. Como exemplo, segundo o autor (2014), a teoria de Gilligan sequer é mencionada nos mais importantes *handbooks* internacionais sobre moralidade, como *The moral psychology handbook* (Vargas & Doris, 2010), *Moral psychology: historical and contemporary readings* (Nadelhoffer et al., 2010), ou *Moral psychology: a contemporary introduction* (Tiberius, 2014), nem aparece no verbete “psicologia moral” na *The encyclopedia of philosophy* da Universidade de Stanford. Já localmente, no Brasil, Silva (2020, 2021) investigou, dentre outros objetivos, a abordagem da teoria de Gilligan em artigos e em teses e dissertações e verificou algumas problemáticas relativas à difusão das ideias da autora no país: (1) a escassez de textos de Gilligan disponíveis em português; (2) a abordagem ínfima e/ou parcial da autora e de suas ideias; e (3) e a referência à autora e ao debate Kohlberg-Gilligan com recorrentes equívocos.¹

A primeira problemática concerne a *In a different voice* ser o único texto de autoria de Gilligan (1982) que foi traduzido para o português. A segunda se refere tanto à pouca abordagem de Gilligan nas pesquisas brasileiras sobre moralidade como à forma como ela ocorre, que partem predominantemente de fontes secundárias e não entram diretamente em contato com o seu trabalho, enquanto as pesquisas que partem de fontes primárias utilizam quase que exclusivamente o livro *In a different voice*. Nos dois casos, aborda-se Gilligan em fragmentos, ligeiramente em notas de rodapé ou reduzindo-a a uma crítica à teoria de Kohlberg, sem haver maiores aprofundamentos em seu trabalho. A terceira problemática concerne a equívocos de interpretação do trabalho de Gilligan e de seu debate com Kohlberg.

1 Essa pesquisa, desenvolvida pelo primeiro autor deste texto, intitula-se *O gênero na produção de pesquisa em psicologia do desenvolvimento moral: mapeamento e análise em periódicos internacionais de língua inglesa (1982-2018)*, sendo financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo de n.º 2019/08942-1, e orientada pelo segundo autor deste texto.

Cabe ressaltar que a obra de Gilligan, no entanto, não se resume ao que tratou no seu livro de 1982. Gilligan revisou várias de suas ideias em publicações seguintes, assim como foram expandidas por ela e outras(os) autoras(es) (Hekman, 1995; Kincade, 2013; Silva & Souza, 2022). Logo, a teoria de Gilligan parece não ter penetrado na psicologia do desenvolvimento moral também no plano nacional e, não obstante, a referência às suas ideias parece restringir-se ao que ela tratou em seu livro supracitado.

Tanto para celebrar a data do quadragésimo aniversário de *In a different voice* como para ajudar a preencher essa lacuna na abordagem das ideias de Gilligan na pesquisa brasileira sobre moralidade, organizamos o Dossiê “40 anos de ‘Uma voz diferente’: contribuições, desdobramentos e o legado das ideias de Carol Gilligan (1936-)” publicado na Revista Schème – Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas.² Em proposta a princípio semelhante com a desse dossiê, propusemo-nos, neste artigo, a apresentar a teoria de Carol Gilligan sobre o desenvolvimento moral e suas implicações epistemológicas, teóricas e metodológicas.

Todavia, sabidas as problemáticas relativas à difusão das ideias da autora, buscamos, aqui, fazer aquilo que lamentavelmente verificamos que ainda não foi feito na literatura, que é apresentar tanto a teoria como as revisões que essa sofreu ao longo dos anos, revisões advindas tanto da própria Gilligan como de suas(seus) sucessoras(es). No decorrer do texto, evidenciamos, portanto, que essa teoria não estagnou em relação ao que foi tratado em *In a different voice* em 1982.

5.2 Pesquisa

Em várias das pesquisas que Kohlberg (1982, 1992) desenvolveu para validação de sua teoria, inclusive em diferentes culturas, encontrou-se um baixo desempenho das mulheres em relação aos homens, como ele mesmo pontua: “alguns estudos mostram diferenças entre os sexos, com adolescentes e adultos homens pontuando mais que as mulheres. Isso inclui os estudos de Holstein (1976), de Haan, Smith e Block (1968), e de Kuhn, Langer, Kohlberg & Haan (1977)” (Kohlberg, 1982, p. 517, tradução nossa). Avaliadas pelo modelo kohlberguiano, as mulheres geralmente atingiam somente até o estágio três, caracterizado pela necessidade de cumprir expectativas de pessoas próximas.

2 O dossiê, idealizado por Matheus Estevão Ferreira da Silva, organizado por ele e por Patrícia Unger Raphael Bataglia, foi publicado como volume especial de 2022 da Revista Schème, que pode ser acessado a partir do seguinte endereço: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme/issue/view/739>. Acesso em 10 mar. 2023.

Gilligan (1977) foi a primeira a contestar esses resultados, quando em 1977 publicou os primeiros resultados de suas próprias pesquisas, desenvolvidas simultaneamente à sua colaboração com Kohlberg. A mais famosa delas foi a que desenvolveu com mulheres grávidas que consideravam interromper sua gravidez e que eram confrontadas em entrevistas abertas com dilemas morais sobre o aborto. Nela, a autora (1977, p. 492, tradução nossa) identificou que o raciocínio das mulheres diferia dos homens, com o dilema do aborto revelando “uma linguagem moral distinta cuja evolução informa a sequência do desenvolvimento das mulheres. Essa linguagem (...) define o problema moral como uma obrigação de exercer cuidado e evitar danos [e] diferenciar as mulheres dos homens”.

Em 1982, Gilligan (1982) publicou seu livro *In a different voice*, que reiterou suas constatações anteriores (Gilligan, 1977). Nele, a autora acusou a teoria de Kohlberg e outras teorias psicológicas de sua época, como as de Jean Piaget, Sigmund Freud, (1856–1939) e Erik Erikson (1902–1994), de terem um viés masculinizante. Isso se daria porque as amostras iniciais dessas teorias, das quais extraíram seus respectivos modelos de desenvolvimento, eram compostas apenas por homens. Logo, embora se pretendessem teorias universais sobre o desenvolvimento humano, elas refletiam apenas o desenvolvimento dos homens, e quando alguma diferença no desempenho das mulheres aparecia, ela era “em geral considerada como significando um problema no desenvolvimento das mulheres” (Gilligan, 1982, p. 11).

Para Gilligan (1977, 1982), a *linguagem moral distinta* das mulheres revelou que elas representam uma outra estrutura de raciocínio moral, a ética do cuidado – em que o sujeito moral (Eu, Self) raciocina contextualmente em termos de cuidado, conexão e responsabilidade com os outros –, não adequadamente medida por Kohlberg, cuja teoria voltava-se exclusivamente para uma estrutura racional de justiça, a ética da justiça – em que o sujeito se vê separado dos outros e tende a pensar abstratamente em termos de justiça, reciprocidade e direitos individuais.

Nesse sentido, dada a evidência da moralidade do cuidado, Gilligan (1977, 1982) propôs um modelo de desenvolvimento pela ética do cuidado, que mantém a divisão em *três níveis* tal como em Kohlberg, porém o traçando com *cinco estágios* respectivos, sendo dois deles transicionais (os estágios 1.5 e 2.5). Assim, no primeiro nível, *sobrevivência individual* (estágios 1 e 1.5), o raciocínio moral foca nas necessidades próprias do sujeito, equivalente ao nível pré-convencional kohlberguiano. No segundo nível, *bondade como autossacrifício* (estágios 2 e 2.5), o raciocínio se orienta por um conceito “maternal” de moralidade, visando a proteção de pessoas dependentes e desiguais. No terceiro nível, *responsabilidade pelas consequências da escolha* (estágio 3), a moralidade é regida por um princípio universal de não-violência

e condenação à exploração e ao dano. O desenvolvimento se dá em direção a um equilíbrio entre a satisfação dessas necessidades, que “tem a ver tanto com conexão quanto com separação”, diferindo da ética da justiça, em que “a separação em si mesma se torna o modelo e a medida do crescimento” (Gilligan, 1977, p. 509, tradução nossa).

No mesmo ano de publicação de *In a different voice*, Kohlberg (1982) trouxe suas primeiras réplicas nesse debate iniciado por Gilligan e que tomou grandes proporções (Sharpe, 1992; Silva, 2021). A princípio, ele rejeitou a hipótese de Gilligan (1982), pois, embora admitisse que “minha abordagem de pesquisa foi deliberadamente restrita a dilemas e raciocínios sobre justiça” e reconhecesse que “o trabalho de Gilligan (. . .) questiona o limite no domínio do julgamento moral que minha orientação sobre justiça estabelece”, sua “leitura da literatura de pesquisa disponível não apoia que o raciocínio sobre justiça difere acentuadamente entre os sexos, nem sugere que os princípios da justiça são invenções masculinas” (Kohlberg, 1982, p. 519, tradução nossa).

Ainda que alguns dados empíricos que Kohlberg (1982, p. 517-518, tradução nossa) dispunha na época indicassem diferenças de gênero como anteriormente ressaltado, “em um número igual de outros estudos, nenhuma diferença de sexo é relatada. Isso inclui estudos de Keasey (1972), Levine (1976) e Weisbroth (1970)”. Isso impeliu-o a aceitar outro, ou adaptar o seu modelo de desenvolvimento. Seu posicionamento repercutiu, dividindo a psicologia moral entre apoiadores(as) de Kohlberg e da ética da justiça universal, de um lado, e apoiadores(as) de Gilligan e da ética do cuidado, de outro.

A partir disso, instaurou-se um programa de pesquisa, em nível global, que buscou testar empiricamente a veracidade das ideias gilliginianas, dando origem a um dos mais importantes debates científicos da psicologia do desenvolvimento moral, intitulado com o nome de ambos, o *debate Kohlberg-Gilligan*.

Walker (1984, p. 688, tradução nossa) revisou essa literatura que ascendia na época nos Estados Unidos, porém, de modo geral, reportou “muito poucas diferenças sexuais no desenvolvimento moral”. Já em seus próprios estudos empíricos, Lourenço (1989), em Portugal, Vasudev & Hummel, (1987) na Índia, e Koller *et al.* (1992), no Brasil, também reportaram não haver distinção de gênero nas orientações morais, para a justiça e para o cuidado, respectivamente, com amostras de crianças portuguesas de 7 a 10 anos, indianos de 11 a 50 anos, e cento e oitenta estudantes universitários brasileiros de 18 a 25 anos.

No texto *Reply by Carol Gilligan* de 1986, Gilligan (1986, p. 326, tradução nossa) rebate seus(suas) críticos(as) quanto a não haver dados suficientes “para apoiar as reivindicações que fiz”, respondendo que seu argumento “não foi estatístico, ou seja,

não se baseou na representatividade das mulheres ou na generalização dos dados a uma população maior. Em vez disso, foi interpretativo e articulado na demonstração de que os exemplos apresentados ilustram uma maneira diferente de ver”. A autora ainda acusa que seus(suas) críticos(as), citando Walker (1984) como exemplo deles(as), desconsiderar várias pesquisas que evidenciaram a ética do cuidado empiricamente, dentre elas Haan (1985), Baumrind (1986), nns (1983), Langdale (1983) e Johnston (1985). Não obstante, ela também evidenciou que quando acusam não haver diferenças de gênero no desenvolvimento moral a partir da avaliação pelo modelo de Kohlberg,

(. . .) eles não entendem o meu argumento. Meu trabalho concentra-se na diferença entre duas orientações morais e não na questão de saber se mulheres e homens diferem nos estágios de raciocínio de Kohlberg. (. . .) pontuações mais baixas na medida de Kohlberg não refletem necessariamente níveis mais baixos de desenvolvimento moral, mas podem significar uma mudança na perspectiva ou orientação moral (Gilligan, 1986, pp. 328-329, tradução nossa).

Nesse sentido, em estudo publicado em 1989, Walker (1989) deixou de procurar por diferenças de gênero pela avaliação do modelo kohlberguiano, como fez em 1984 em revisão dessa literatura (Walker, 1984), e investigou as orientações à justiça e ao cuidado replicando a metodologia de Lyons (1983). Ainda que continue entre os apoiadores de Kohlberg, ele encontrou correlações positivas em sujeitos que, com orientação maior ao cuidado, pontuaram em níveis mais baixos quando avaliados pelo modelo de justiça.

Após as tréplicas de Gilligan e suas(seus) apoiadoras(es) no prosseguimento do debate, Kohlberg mudou de uma perspectiva de negação mais enfática das ideias gilliginiana para um posicionamento de admissão de que, pelo menos, a moralidade não se resume à justiça. Embora continuasse a rejeitar o modelo alternativo de cuidado (Kohlberg *et al.*, 1984, p. 227, tradução nossa), ele admitiu alguns limites de abrangência e revisou sua teoria: “a ênfase na virtude da justiça em meu trabalho não reflete totalmente tudo o que é reconhecido como parte do domínio moral. (. . .) o princípio do altruísmo, cuidado ou amor responsável não tem sido adequadamente representado em nosso trabalho”. Assim, além da justiça, a moralidade incluiria a virtude enfocada por Gilligan: “essa virtude, *ágape* em grego, é a virtude que chamamos de caridade, amor, carinho, fraternidade ou comunidade. Na pesquisa estadunidense, essa virtude foi chamada de (. . .) ética do cuidado e responsabilidade” (p. 227, tradução nossa, grifo do autor). Esse foi o último posicionamento de Kohlberg antes de seu falecimento precoce em 1987, aos 59 anos.

Depois de *In a different voice*, as pesquisas de Gilligan se voltaram para a avaliação do construto de *orientação moral* – que se refere a qual estrutura de raciocínio moral um juízo parte (justiça ou cuidado) –, construto que ela mesma deu origem, e não para a avaliação dos níveis e estágios da ética do cuidado que ela tinha esboçado.

A metodologia originalmente empregada por Gilligan (1977, 1982) para avaliação da orientação moral foi a adaptação do método de entrevista de Kohlberg (1992), em que ela utilizou *dilemas reais* e não *hipotéticos* e deixou seus participantes mais livres ao respondê-los, sem incitá-los a raciocinar a partir de princípios de justiça e possibilitando a emergência dos raciocínios orientados ao cuidado. Essa metodologia, relatada em *In a different voice*, foi sistematizada por ela ao longo dos anos e resultou no *Listening guide method* (Gilligan, 2015), mas que se direciona à análise de entrevistas em geral e não para avaliação de estruturas de cuidado como originalmente proposto com ele (Gilligan, 1977, 1982).

Assim, para avaliação da orientação moral, Nona Lyons (1983), ex-aluna de Gilligan, desenvolveu o *Manual for coding real-life dilemmas*, uma técnica de análise de conteúdo que classifica, por meio de um sistema de pontuação, a orientação moral à justiça ou ao cuidado em juízos emitidos a dilemas morais reais, também coletados em entrevista. Este foi o procedimento por muito tempo utilizado por Gilligan e colaboradores(as) em seus estudos (Langdale, 1983; Haan, 1985; Johnston, 1985; Baumrind, 1986; Walker, 1989).

Tais metodologias (Gilligan, 1977, 1982; Lyons, 1983), entretanto, são formas de mensuração muito longas e complexas, que partem de entrevistas abertas e consomem muito tempo. Assim, pesquisadoras(es) interessadas(os) no trabalho de Gilligan propuseram a avaliação da orientação moral por meio de instrumentos objetivos. Destes, destacam-se o *Measure of moral orientation* (MMO), de Liddell (1990), o *Moral orientation scale* (MOS), de Yacker e Weinberg (1990), e o *Moral justification scale* (MJS), de Gump *et al.* (2000), embora nenhum deles tenha penetrado no campo brasileiro da psicologia do desenvolvimento moral e sido utilizado em alguma pesquisa.

Já em relação à avaliação do modelo de ética do cuidado, que Gilligan (1977, 1982) nunca mais chegou a tratar, a norueguesa Eva Elisabeth Aspaas Skoe (1993) elaborou a *Ethics of care interview* (ECI) para avaliação dos níveis e estágios que o compõem. Ademais, a definição mais recente desses níveis e estágios do modelo gilliginiano foi proporcionada por meio da elaboração desse instrumento, que se manteve fiel aos quadros conceituais originais de Gilligan (1977, 1982). No Brasil, contudo, assim como ocorre no caso dos instrumentos de orientação moral, o uso da ECI é muito limitado, ainda que algumas poucas pesquisas a tenha empregado (Biaggio *et al.*, 2005; Vikan *et al.*, 2005).

Nesse ínterim, enquanto as ideias de Gilligan eram continuamente exploradas pela psicologia do desenvolvimento moral, e a partir delas reconheciam-se algumas contribuições ao campo, diversas críticas também foram apontadas. Talvez a principal limitação apontada na literatura sobre o trabalho da autora seja o *essencialismo identitário* que suas ideias sugerem: de que há uma essência masculina e feminina, ou seja, de um modo primário, natural, universal ou imutável de ser homem e ser mulher.

Ainda que desde *In a different voice* a própria Gilligan (1982) anuncie que a orientação moral ao cuidado que encontra é identificada não por gênero, mas por tema, que sua associação às mulheres não é absoluta e que não resultava de um determinismo biológico; para explicar o porquê dessa associação com o gênero, Gilligan (1982) subsidiou-se na releitura da socióloga e psicanalista estadunidense Nancy Chodorow (1978/1991) sobre a Psicanálise freudiana. Isso a levou ao determinismo psíquico da psicanálise, que produz generalizações sobre os gêneros, sem considerar a multiplicidade das experiências de homens e mulheres, e reforça estereótipos consequentemente.

Outras críticas ao seu trabalho, e essas provenientes não só da psicologia do desenvolvimento moral, mas também das teorizações feministas,³ são de que Gilligan ensaia um rompimento com o paradigma moderno de Ciência, especificamente com alguns dos princípios da modernidade (como o *racionalismo*, *estruturalismo* e *universalismo*) e de concepções kantianas em que tais princípios se veem representados – princípios esses que são base das referidas teorias que ela passou a criticar e os quais permitiram a geração de interpretações masculinizantes sobre o desenvolvimento humano. Porém, ela não chegou a romper, de fato, com o referido paradigma, e, em algum nível, controversamente desenvolveu seu trabalho dentro de seus princípios (Campbell & Christopher, 1996; Montenegro, 2003; Silva & Souza, 2022).

Quanto ao princípio do racionalismo, por exemplo, Campbell e Christopher (1996) reconhecem a crítica de Gilligan (1982) à razão como único regulador e à justiça como unicidade da moralidade nas teorias de Kohlberg e de outros, contudo, contrapõem-se à polarização da moral entre justiça e cuidado, resultante do não rompimento completo da autora “com as bases epistemológicas da psicologia do desenvolvimento, deixando de questionar os fundamentos que levaram os autores por ela mesma criticados a uma limitação do campo da moralidade” (Montenegro, 2003, p. 499). A partir disso, perpetua-se uma série de binarismos: razão *versus* emoção, justiça *versus* cuidado, Eu conectado *versus* Eu separado, principialismo *versus* contextualismo, autonomia *versus* dependência, “só que agora valorizando o

3 O debate sobre as implicações do debate feminista na ciência, tendo em vista o âmbito da obra de Carol Gilligan, está sendo escrito em outro texto a ser publicado na forma de artigo científico.

cuidado em benefício das mulheres. A dicotomia não foi alterada porque não houve questionamento de seus fundamentos” (Montenegro, 2003, p. 500). Quanto ao princípio do estruturalismo: “apesar de questionar o formalismo e impersonalismo da teoria de Kohlberg, bem como o princípio da ‘ética da justiça’, Gilligan não questionou a interpretação estruturalista do desenvolvimento moral por estágios” (Arantes, 2000, p. 140) e, em seu livro de 1982, esboçou estágios de desenvolvimento do modelo de Ética do Cuidado, em alternativa ao modelo de Kohlberg (1992).

Apesar disso, Hekman (1995, p. 32, tradução nossa) admite que “em seus primeiros trabalhos Gilligan parece estar continuando a busca por uma teoria moral verdadeira (...) frequentemente recua de uma rejeição total da teoria moral moderna; ela afirma que quer reformar em vez de reconstituí-la”, mas também ressalta que “os elementos de uma abordagem radicalmente diferente da teoria moral [moderna] estão presentes em sua obra” (p. 25). Dessa forma, em *In a different voice*, Gilligan (1982) não define seu projeto em termos de “uma desconstrução do racionalismo e universalismo da teoria moral moderna (com o sujeito moral auto legislador de Kant como seu principal representante)”, porém, “seu trabalho contribui significativamente para essa desconstrução, em direção a concepções que enfatizam a particularidade e a concretude” (Silva & Souza, 2022, pp. 164-165). Com isso, segundo Hekman (1995), haveria pelo menos duas formas diferentes de se ler e interpretar o trabalho de Gilligan: a primeira que compreende as ética da justiça e ética do cuidado como *complementares*, “ela parece estar propondo uma correção à visão incompleta, errônea e tendenciosa do Self proposta pelos teóricos masculinistas” (p. 06, tradução nossa), e a segunda leitura que as compreende como *incompatíveis*, “seus [de Gilligan] conceitos de domínio moral e sujeito moral são incompatíveis com a definição de moralidade encontrada na teoria moral moderna; portanto, ela não pode adicionar a voz diferente a essa teoria” (p. 09, tradução nossa).

Embora tenha se distanciado gradativamente de algumas das discussões iniciadas em *In a different voice*, em publicações seguintes Gilligan (1990a, 1990b, 1998, 2011; Brown & Gilligan, 1992; Silva & Gilligan, 2022) revisou alguns de seus posicionamentos e abandonou o objetivo que anuncia em 1982, de tentar corrigir a teoria moral trabalhando dentro do paradigma moderno, asseverando suas críticas e o consequente rompimento com as bases epistemológicas da psicologia do desenvolvimento moral.

A manifestação mais recente de Gilligan sobre as revisões que fez pode ser vista na entrevista que nos concedeu por ocasião do dossiê “40 anos de ‘Uma voz diferente’ (...)”, em que foi questionada sobre não ter rompido com o estruturalismo da teoria de Kohlberg, no que respondeu:

É verdade: quando escrevi I a different voice, ainda estava pensando em termos da teoria do estágio estrutural de Piaget e Kohlberg (. . .). Isso foi antes de eu perceber que a própria teoria do desenvolvimento estava enquadrada em um conjunto particular de suposições culturais. A chave para a mudança a que você se refere veio dos estudos sobre o desenvolvimento de meninas que iniciei seguindo In a different voice (a pesquisa do ‘10 year Harvard Project on Women’s Psychology and Girls’ Development’ que comecei com meus alunos de pós-graduação em 1981). (Silva & Gilligan, 2022, p. 364, grifos dos autores).

A maior parte dos estudos que seguiram *In a different voice* são resultantes do citado *10 year Harvard Project*.... Como resume Kincade (2013, p. 277, tradução nossa), nessa fase de sua carreira, “em vez de perguntar como desenvolvemos as capacidades de cuidado, de compreensão mútua e de empatia, Gilligan pergunta: como resistimos a perdê-las?”. A partir desse projeto, Gilligan (1990b, p. 10, tradução nossa) passou a constatar que “a adolescência parece um divisor de águas no desenvolvimento feminino, uma época em que as meninas correm o risco de se afogar ou desaparecer”.

Brown e Gilligan (1992) acompanharam um grupo de meninas entre 7 e 8 anos até o meio da adolescência e relatam que elas, que tendiam a ser francas com seus desejos e seguras consigo mesmas, depois de esbarrar no que chama de “muro da cultura ocidental patriarcal” ao entrarem na transição para a adolescência, são forçadas a renunciar ao senso de identidade (Eu, Self) que tinham desenvolvido até ali. Assim, ocorreria uma *regressão* no seu desenvolvimento, sendo psicologicamente prejudicial esse novo Eu que as adolescentes são forçadas a formar, produzindo uma crise de identidade. Em síntese, o binarismo de gênero em que a cultura atua, bifurcando e hierarquizando as qualidades humanas em “masculino” ou “feminino”, levaria as meninas a deixarem de ser honestas com suas vozes pessoais e a desacreditarem em seus próprios conhecimentos, ao passo que levariam os meninos a se separarem de sua capacidade de se conectar e de ter empatia.

Com isso, Gilligan (1990a, 1990b) sugere um entendimento de “desenvolvimento” radicalmente diferente daquele empregado por Kohlberg e tradicionalmente compartilhado na psicologia do desenvolvimento – um modelo estruturalista de progressão linear em etapas ou estágios –, “desafiando os pressupostos fundamentais da teoria do desenvolvimento e, em última análise, o pressuposto do próprio progresso linear” (Hekman, 1995, pp. 11-12, tradução nossa).

Não obstante, além de se opor à linearidade, Gilligan (1990a) ressalta que essa crise de identidade gerada nas adolescentes também pode produzir *resistência*, conceito que passa a teorizar a partir dali e que se tornaria central em sua obra. Enquanto

na teoria de Kohlberg o desapego e a separação sugerem a potencialidade do Eu em alcançar o ápice do desenvolvimento moral, sendo a separação “o modelo e a medida do crescimento” (Gilligan, 1977, p. 509, tradução nossa), para Gilligan (1990a) isso na verdade sinaliza graves problemas psicológicos às pessoas, de modo que resistir em não renunciar à identidade de conexão e responsabilidade, ao contrário de um Eu deficitário, seria a evidência de um Eu saudável e resiliente.⁴

Então, foi o seu trabalho com meninas e adolescentes o marco responsável pela asseveração de suas críticas ao paradigma moderno de Ciência e aos seus princípios que, embora antes os criticasse, ainda se vinculava a alguns deles. Mais contemporaneamente, no livro *Joining the resistance* de 2011, publicado quase trinta anos depois de *In a different voice*, Gilligan (2011) reflete sobre a evolução de seu pensamento e nele consta a continuidade desse seu posicionamento revisto em relação aos seus posicionamentos iniciais nos seus primeiros trabalhos, fazendo a trajetória conceitual da diferença para a resistência (Kincade, 2013).

Cabe ressaltar, também, ainda com base em Hekman (1995, p. 32, tradução nossa), “que todo o teor da obra de Gilligan”, principalmente a partir dessas revisões que ela fez em seu trabalho em psicologia do desenvolvimento moral, “leva à conclusão de que devemos parar de tentar ‘acertar’ na teoria moral e, em vez disso, explorar a constituição e a interação de múltiplas vozes morais” (p. 32). Como mencionado, embora ensaie um rompimento, Gilligan (1982) inicialmente recaiu em dicotomias modernas, defendendo as duas orientações morais à justiça e ao cuidado. Porém, Hekman (1995) vê esse movimento, de questionar a universalidade da ética da justiça, como potencial para erigir abordagens éticas pluralistas, que reflitam as diferentes perspectivas e, a partir da noção de interseccionalidade, considerem as diferentes subjetividades: não mais uma única perspectiva moral das mulheres, mas díspares perspectivas, considerando a experiência das mulheres lésbicas, das mulheres negras e outras, pois, “assim como existem múltiplas subjetividades, também existem múltiplas moralidades” (Hekman, 1995, p. 160, tradução nossa), o que Gilligan hoje parece concordar: “ouvir preocupações sobre a justiça como voz, uma voz, abre o caminho para ouvir outras vozes, incluindo a voz do cuidado (. . . Hoje) eu apenas acrescentaria que a psique é *polivocal*” (Silva & Gilligan, 2022, p. 367, grifo nosso).

4 O campo da Neurobiologia tem endossado esse *insight* de Gilligan presente no seu livro de 1982 e continuado com o *10 year Harvard Project*, quando se relata que o sistema nervoso é programado para conectar mente e corpo, pensamento e emoção, com a separação da razão da emoção significando uma manifestação de lesão ou trauma (Silva & Gilligan, 2022).

5.3 Diálogo

Feitas tais considerações sobre a teoria de Carol Gilligan sobre o desenvolvimento moral e suas implicações epistemológicas, teóricas e metodológicas que seguiram seu livro de 1982, emerge uma série de conclusões significativas sobre o estado atual dessa teoria e de seu suposto abandono (Govrin, 2014; Silva, 2020, 2021) pela psicologia do desenvolvimento moral contemporânea.

A partir da revisão que a autora faz de seu trabalho (Gilligan, 1990a, 1990b, 1998, 2011; Brown & Gilligan, 1992; Silva & Gilligan, 2022), revendo posicionamentos iniciais e aprofundando algumas de suas ideias, ficou claro que o trabalho em psicologia do desenvolvimento moral de Gilligan desde *In a different voice* não é mais aquele trabalhado classicamente nesse campo: uma tradição científica sob bases modernas e que se vê perpetuada no estudo psicológico da moralidade até os dias de hoje. Se em 1982 seu trabalho já não era tão compatível com essa tradição, essa foi uma divergência que apenas se asseverou com o passar do tempo. E foi nesse ínterim que Gilligan se afastou do campo da moralidade, pelo menos nessa sua faceta clássica.

Em 1997, na *23rd annual conference of the association for moral education*, Gilligan (1998, p. 128, tradução nossa, grifos nossos), em sua fala, evidenciou duas conversas que tem feito parte, uma pública, protagonizada por “Kohlberg and Gilligan (. . .)” um lugar onde tenho tendência a aparecer na terceira pessoa”, e outra privada, protagonizada por “Carol and Larry (. . .)” onde Larry e eu falamos sobre nós mesmos e nos interessamos por nossas vozes diferentes”. Dessa forma, ela explica que sua saída das discussões em psicologia do desenvolvimento moral com Kohlberg se deu, pois

nossas duas estradas divergiam de uma forma que acentuava nossa conversa, nosso relacionamento e nossa amizade. (. . .) Com a mudança de paradigma, mudaram os significados e a referência das palavras-chave: moralidade, relacionamento, desenvolvimento, self. Tornou-se muito difícil conversar e senti que não estava sendo ouvida. (. . .) Eu queria sair de uma conversa em que senti que estava perdendo minha própria voz, onde Larry se transformou em ‘Kohlberg’, (. . .) E então ‘Kohlberg’ criou o personagem chamado ‘Gilligan’, que não é como eu falaria sobre mim. Nesse ponto, senti que era importante para mim deixar a conversa (Gilligan, 1998, p. 128, tradução nossa, grifos nossos).

Assim, é sugestivo que o motivo de a psicologia do desenvolvimento moral não ter se aberto para a perspectiva trazida por Gilligan seja porque ela questionava os seus próprios fundamentos. Em investigação que mapeou a produção nacional e internacional em Psicologia do Desenvolvimento Moral que tem gênero como tema, Silva e Souza (2024, no prelo) constataram que esse campo parece resistir a propostas

de revisões teóricas que rompam com suas origens epistemológicas, sendo a proposta de Gilligan uma delas, ao passo que em outros campos da psicologia, como o de psicologia social, houve esse tipo de avanço.

Como exemplo, Gilligan nunca mais retomou o modelo de níveis e estágio da Ética do cuidado que esboça em 1982, porque ela deixou de apoiar o modelo estruturalista e universalista que ainda hoje continua central na psicologia do desenvolvimento moral, embora alguns pesquisadores(as) tenham tentado dar continuidade a esse projeto (Skoie, 1993) ou ao projeto de conciliar a orientação moral do cuidado como complementar à orientação de justiça de Kohlberg (Liddell, 1990; Yacker & Weinberg, 1990; Gump *et al.*, 2000) – que é a primeira leitura possível descrita por Hekman (1995) sobre o trabalho de Gilligan (1982).

Dessa forma, diferentemente do que transparece – por ser ignorada pela psicologia do desenvolvimento moral contemporânea –, evidenciamos neste texto que essa teoria não estagnou em 1982. Pelo contrário, como traz Govrin (2014, p. 1, tradução nossa), “hoje em dia, a ética do cuidado é considerada um conceito-chave nos debates éticos ligados ao trabalho em serviço social e enfermagem”, no entanto, “a influência da ética do cuidado na psicologia moral contemporânea é insignificante”.

Concordamos com Govrin (2014) de que a psicologia do desenvolvimento moral ignora os vários insights presentes em *In a different voice*, mas vamos além: ressaltamos que o campo também ignora o que veio depois no trabalho de Gilligan, incluindo as próprias revisões da autora em sua teoria, diante do questionamento que ela faz às bases epistemológicas que subsidiam esse campo historicamente. Ademais, também concordamos que “sua falta de influência nessa área específica [psicologia do desenvolvimento moral] requer uma investigação mais aprofundada” (p. 1).

Tendo isso em vista, e como continuidade à referida investigação de Silva (2020, 2021) sobre as problemáticas encontradas em relação à difusão das ideias de Gilligan no Brasil, desenvolvemos uma pesquisa,⁵ que segue em andamento, para termos uma melhor compreensão do processo de difusão e do estado das ideias de Gilligan no Brasil, bem como das ideias de Kohlberg. Esperamos poder, com essa pesquisa, contribuir para a produção da História da Psicologia do Desenvolvimento Moral no país e para o avanço do conhecimento científico no campo.

5 A pesquisa tem como título *Difusão das ideias de Lawrence Kohlberg e Carol Gilligan no Brasil: uma história oral da psicologia do desenvolvimento moral*, sob orientação do Prof. Dr. Mário Sérgio Vasconcelos.

REFERÊNCIAS

- Arantes, V. A. (2000). Cognição, afetividade e moralidade. *Educação e Pesquisa*, 26(2), 137-153.
- Baumrind, D. (1986). Sex differences in moral reasoning: response to Walker's (1984) conclusion that there are none. *Child Develop*, 57(2), 511-521.
- Biaggio, A., Vikan, A., & Camino, C. (2005). Orientação social, papel sexual e julgamento moral: uma comparação entre duas amostras brasileiras e uma norueguesa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 1-6.
- Brown, L. M., & Gilligan, C. (1992). (Orgs.). *Meeting at the crossroads: women's psychology and girl's development*. Harvard University Press.
- Campbell, R. L., & Christopher, J. C. (1996). Moral development theory: a critique of this kantian presuppositions. *Development Review*, 16(1), 1-47.
- Chodorow, N. (1991). *Psicanálise da maternidade: uma crítica de Freud a partir da mulher*. Rosa dos Tempos. (Publicado originalmente em 1978).
- Gilligan, C. (1977). In a different voice: women's conceptions of self and of morality. *Harvard Educational Review*, 47(4), 481-517.
- Gilligan, C. (1982). *Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*. Rosa dos Tempos.
- Gilligan, C. (1986). Reply by Carol Gilligan. *Signs*, 11(2), 324-333.
- Gilligan, C. (1990a). Joining the resistance: psychology, politics, girls and women. *Michigan Quarterly Review*, 24(9), 501-536.
- Gilligan, C. (1990b). *Making connections: the relational worlds of adolescent girls at Emma Willard School*. Harvard University Press.
- Gilligan, C. (1998). Remembering Larry. *Journal of Moral Education*, 27(2), 125-140.
- Gilligan, C. (2011). *Joining the resistance*. Polity Press.
- Gilligan, C., & Kohlberg, L. (1978). From adolescence to adulthood: the recovery of reality in a postconventional world. In B. Z. Presseisen, D. Goldstein, & M. H. Appel (Orgs.). *Language and operational thought: topics in cognitive development*, pp. 125-136. Plenum Press.
- Govrin, A. (2014). From ethics of care to psychology of care: reconnecting ethics of care to contemporary moral psychology. *Frontiers in Psychology*, 5, 1-10.
- Gump, L. S., Baker, R. C., & Roll, S. (2000). The moral justification scale: reliability and validity of a new measure of care and justice orientations. *Adolescence*, 35(137), 82-86.
- Haan, N. (1985). *With regard to Walker (1984) on sex "differences" in moral reasoning*. [Dissertação de Mestrado, Institute of Human Development]. University of California. Mimeografado.
- Hekman, S. (1995). *Moral voices, moral selves: Carol Gilligan and feminist moral theory*. Penn State University Press.

- Johnston, K. (1985). *Two moral orientation, two problem-solving strategies: adolescents' solutions to dilemmas in fables*. Tese (Doutorado em Psicologia). Harvard Graduate School of Education. Impresso.
- Kincade, E. A. (2013). Resistance refined, patriarchy defined: Carol Gilligan reflects on her journey from difference to resistance. *Sex Roles*, 68, 275-278.
- Kohlberg, L. (1958). *The development of modes of moral thinking and choice in the years 10 to 16*. [Tese de Doutorado não publicada]. Universidade de Chicago.
- Kohlberg, L. (1982). A reply to Owen Flanagan and some comments on the Puka-Goodpaster exchange. *Ethics*, 92(3), 513-528.
- Kohlberg, L. (1992). *Psicologia del desarrollo moral*. Editorial Desclee de Brouwer.
- Kohlberg, L., Levine, C., & Hewer, A. (1984). The current formulation of the theory. In L. Kohlberg (Org.), *The psychology of moral development: the nature and validity of moral stages*, pp. 212-319. Harper & Row. Essays on moral development: v. II.
- Kohlberg, L., & Gilligan, C. (1971). The adolescent as a philosopher: the discovery of the self in a postconventional world. *Daedalus*, 100(4), 1051-1086.
- Koller, S. H., Vinas, A., & Biaggio, A. (1992). Efeitos do sexo do protagonista na avaliação de diferenças de gênero no julgamento moral. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 8(3), 327-339.
- La Taille, Y. de. (2006). A importância da generosidade no início da gênese da moralidade na criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(1), 09-17.
- Langdale, S. (1983). *Moral orientations and moral development: the analysis of care and justice reasoning across different dilemmas in females and males from childhood through adulthood* [Tese de Doutorado]. Universidade de Harvard. Impresso.
- Liddell, D. L. (1990). *Measure of moral orientation: construction of an objective instrument measuring care and justice, with an investigation of gender differences* [Tese de Doutorado]. Auburn University, Auburn. Impresso.
- Lourenço, O. (1989). É a ética do cuidado distinta da ética da justiça? Alguns dados empíricos em crianças de 7-8 anos. *Análise Psicológica*, 2, 89-81. Impresso.
- Lyons, N. P. (1983). Two perspectives: on self, relationships, and morality. *Harvard Educational Review*, 53(2), 125-145.
- Montenegro, T. (2003). Diferenças de gênero e desenvolvimento moral das mulheres. *Estudos Feministas*, 11(2), 493-508.
- Nadelhoffer, T., Nahmias, E., & Nichols, S. (2010). *Moral psychology: historical and contemporary readings*. Wiley-Blackwell.
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança*. Summus. (Publicado originalmente em 1932).
- Sharpe, V. A. (1992). Justice and care: the implications of the Kohlberg-Gilligan debate for medical ethics. *Theoretical Medicine*, 13, 295-318.

- Silva, M. E. F. da. (2020). Carol Gilligan e a ética do cuidado na produção de pesquisa em psicologia do desenvolvimento moral de três programas de pós-graduação stricto sensu (2008-2019). *Schème*, 12(1), 166-204.
- Silva, M. E. F. da. (2021). Afinal, o que foi o debate Kohlberg-Gilligan? *Schème*, 13(1), 4-40.
- Silva, M. E. F. da. (2022). A crítica de Carol Gilligan ao androcentrismo e sexismo na psicologia e na produção científica. *Revista do IPPMar*, 8(esp.), 67-86.
- Silva, M. E. F. da, & Martins, R. A. (2022). O desenvolvimento moral segundo Piaget, Kohlberg, Rest, Turiel, Gilligan e Lind: limites e potencialidades das principais teorias em psicologia moral. *Schème*, 14(2), 42-86.
- Silva, M. E. F. da, & Souza, L. L. de. (2022). Perspectivas feministas contemporâneas na obra *Uma voz diferente* de Carol Gilligan (1936-). *Schème*, 14(esp.), 145-178.
- Silva, M. E. F. da, & Gilligan, C. (2022). 40 years of “In a different voice”: interview with Carol Gilligan. *Schème*, 14(esp.), 352-409.
- Skoe, E. E. A. (1993). *The ethic of care interview manual*. Universidade de Oslo. Impresso.
- Tiberius, V. (2014). *Moral psychology: a contemporary introduction*. Routledge.
- Vargas, M., & Doris, J. M. (2010). *The moral psychology handbook*. Oxford University Press.
- Vasudev, J., & Hummel, R. C. (1987). Moral stage sequence and principled reasoning in an indian sample. *Hum. Dev.*, 30, 105-118.
- Vikan, A., Camino, C., & Biaggio, A. (2005). Note on a cross-cultural test of Gilligan’s ethic of care. *Journal of Moral Education*, 34(1), 107-111.
- Walker, L. J. (1984). Sex differences in the development of moral reasoning: a critical review. *Child Development*, 55(3), 677-691.
- Walker, L. J. (1989). A longitudinal study of moral reasoning. *Child Development*, 60(1), 157-166.
- Yacker, N., & Weinberg, S. (1990). Care and justice moral orientation: a scale for its assessment. *Journal of Personality Assessment*, 55(1), 18-27.

